



O DESFRALDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS E TENSÕES NA RELAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÃO E FAMÍLIA

MELO, Keity Elen da Silva¹
HADDAD, Lenira²

Grupo de Trabalho (GT): GT 2 – Infâncias, Juventudes e Processos Educativos.

RESUMO

Este trabalho é recorte de uma pesquisa de doutorado em Educação, que teve por objetivo compreender as dimensões que caracterizam o compartilhamento da educação e cuidado infantil com as famílias, a partir do acompanhamento de um grupo de crianças de 2 anos que frequentam um CMEI em período integral na cidade de Maceió, Alagoas. Na pesquisa de doutorado, foram identificadas nove dimensões que caracterizam esse compartilhamento, e para fins deste artigo, enfocamos no processo de desfralde das crianças, tema explorado dentro da dimensão das regras institucionais, mais especificamente, as regras de higiene. Os resultados indicam que no CMEI campo de pesquisa, o desfralde não está em pauta como um tema a ser compartilhado entre profissionais e famílias. No entanto, quando os diálogos sobre esse assunto ocorrem, entre as professoras e as famílias, revelam a sua importância no favorecimento do desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Desfralde. Educação infantil. Família.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei nº 9.394/96), a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996).

Sob a ótica dessa Lei, o desenvolvimento integral da criança na educação infantil deve considerar todas as suas dimensões. Tratando-se da ação complementar à família, preconizada na Lei, pressupõe-se responsabilidade social perante a criança entre família e sociedade mais ampla e a legitimação de espaços de socialização infantil para além do âmbito familiar (Haddad, 2015).

Um exemplo dessa responsabilidade compartilhada são as práticas de cuidados de higiene das crianças, como o desfralde. O desfralde da criança varia conforme cultura e grupo social, influenciando os hábitos, os lugares e o tempo que a criança leva para adquirir o controle dos esfínteres. Nesse sentido, o processo de desfralde necessita da integração

¹ Universidade Federal de Alagoas. E-mail: keityemelo@gmail.com.

² Universidade Federal de Alagoas. E-mail: lenirahaddad@gmail.com.





creche-família no compartilhamento de ações, a fim de promover o bom desenvolvimento da criança (Moreira; Vitória, 2009).

Este trabalho configura-se como recorte de uma pesquisa de doutorado em Educação, que teve por objetivo central compreender as dimensões que caracterizam o compartilhamento da educação e cuidado infantil com as famílias, a partir do acompanhamento de um grupo de crianças de 2 anos que frequentam um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) em período integral na cidade de Maceió, Alagoas. Na pesquisa de doutorado, foram identificadas nove dimensões que caracterizam esse compartilhamento, sendo elas: regras institucionais; inserção da criança no CMEI; acolhida e despedida; comunicação; eventos para receber as famílias; transporte escolar; jornada de tempo integral; interrupção das atividades do CMEI; e intersetorialidade. Para efeito deste artigo, enfocamos no processo de desfralde das crianças, um dos temas explorados na dimensão das regras institucionais, a qual engloba diferentes regras do cotidiano do CMEI campo de pesquisa, dentre elas, as regras de cuidados de higiene das crianças.

OBJETIVOS

O trabalho centra-se na discussão do compartilhamento da educação e cuidado das crianças com as famílias, tendo por objetivo discutir a relação entre instituição de educação infantil e família a partir do processo de desfralde vivenciado por crianças pequenas que frequentam um CMEI em jornada de tempo integral na cidade de Maceió, Alagoas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Moreira e Vitória (2009), o desfralde é um processo que não ocorre de forma homogênea nem no mesmo ritmo para todas as crianças. Assim, a troca de ações sobre esse evento entre instituição e família é fundamental na promoção do desenvolvimento da criança.

Bronfenbrenner (1996) explica que o desenvolvimento de uma pessoa é potencializado quando as exigências de papéis em diferentes ambientes são compatíveis.





Afinal, cada microssistema envolve diferentes atividades, relações e papéis, e com a transição da criança para um novo contexto, como a creche, esses processos passam a acontecer entre a fronteira de dois ambientes (Bronfenbrenner, 1996). Nessa direção, destaca-se a importância das trocas de informações sobre a criança entre os contextos instituição infantil e família.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Conforme mencionado, este trabalho é recorte de uma pesquisa de doutorado, que se embasa pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, e se utiliza do método do estudo de caso (Yin, 2015), com o uso de diferentes fontes de informação, quais sejam: observação participante realizada durante os meses de março a dezembro de 2024, uma vez por semana no grupo de crianças do Maternal IA; grupo focal constituído pelas profissionais do CMEI (a professora, duas auxiliares de sala, a diretora e a diretora adjunta); análise documental; e entrevista semiestruturada com as famílias das crianças da turma acompanhada e com a equipe gestora do CMEI.

Para este trabalho, constitui-se como foco de análise, episódios da observação em campo e dados da entrevista realizada com as mães das crianças da turma acompanhada. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foram utilizados nomes fictícios. As professoras da turma são nomeadas por Elaine e Denise. As crianças mencionadas neste trabalho são: Lis, Anthony, Clara, Vitória, Davi e Kauã, que no momento da pesquisa tinham idade entre 2 anos e 2 anos e 11 meses. As mães correspondentes são: Meire, Janailma, Mônica, Aline, Erica e Vivi.

No que concerne aos cuidados éticos, a pesquisa de doutorado foi aprovada em 20 de março de 2024 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas³.

RESULTADOS

³ Número do CAAE de aprovação da pesquisa de doutorado: n° 76997924.1.0000.5013.





As orientações em relação ao desfralde das crianças no CMEI campo de pesquisa são dadas para as famílias que procuram a professora para comentar que os filhos estão vivenciando esse processo em casa ou quando a professora percebe incômodos na criança pelo uso da fralda. Nessas situações, os pais são instruídos a enviarem mais peças íntimas das crianças, como calcinhas e cuecas.

Durante a permanência da pesquisadora na instituição e a partir das entrevistas com as famílias, foi observada uma comunicação inconsistente sobre o desfralde das crianças. Foram identificados tanto episódios de diálogo e colaboração entre o CMEI e as famílias, quanto situações e relatos de ausência de comunicação.

Na entrevista com as famílias, perguntamos se a criança havia retirado as fraldas ao longo do ano de 2024 e como ocorreu esse processo. Meire, mãe de Lis (2a5m)⁴, compartilhou trocas com a professora a respeito do desfralde da filha, pontuando os desafios inerentes a esse processo. A mãe relatou que, embora Lis já esteja desfraldada em casa, a criança tem se recusado a usar o vaso sanitário no CMEI. Outro aspecto importante em seu depoimento, é o deslocamento da criança de casa até o CMEI. O percurso envolve pegar um ônibus até o ponto da van e, em seguida, a van até a instituição, revelando ser um trajeto demorado, e que por questões de segurança, segundo a mãe, o uso da fralda se torna necessário, o que implica que o desfralde se torne ainda mais demorado.

Hoje mesmo eu trouxe ela de fralda. Não sei se você viu eu avisando a Denise que ela veio de fralda. Porque quando ela acorda, ela acorda seca. Ela não faz xixi dormindo. Só que eu tinha que botar ela pra fazer xixi antes de eu sair. E hoje ela não fez de jeito nenhum. **Aí como eu vim de ônibus**, eu botei a fralda porque eu achei que ela não ia conseguir segurar até chegar no CMEI. **Aí eu avisei a Denise que ela estava de fralda. Mas em casa dificilmente ela usa.** A não ser que eu vá sair para um lugar longe. Aí eu boto! **Aqui, ela até pede pra fazer xixi.** Porém, pouco agora ela está se recusando a fazer no vaso aqui. Aí as meninas ainda botam fralda nela. **Aí ficamos conversando, a Denise sempre me diz: “- Olha, ela pediu pra fazer xixi”.** Em casa ela faz. Ontem mesmo, ela tirou a calcinha e foi ao banheiro. Aí eu percebi que ela estava no banheiro. Eu perguntei o que ela estava fazendo. Ela disse: “-cocô”. Ela vai sozinha em casa. Para fazer xixi, ela tira a calcinha e vai lá e faz xixi. (Meire, mãe de Lis, entrevista realizada em 19/11/2024).

⁴ A idade das crianças é representada nos parênteses, onde “a” indica anos e “m” indica meses.





Mônica, mãe de Clara (2a6m), mencionou em entrevista a significativa contribuição das professoras para o desfralde de sua filha, afirmando que essa colaboração tornou o processo mais fácil.

Sim, conseguiu aqui também! Eu pedi ajuda para elas e elas falaram que ia ajudar, e acho que foi bem mais fácil também. E em casa eu tentava... e era bem difícil ela conseguir ficar sem a fralda. Aí depois, eu conversei com as professoras, né, que ela não estava precisando de fralda... E ela conseguiu! (Mônica, mãe de Clara, entrevista realizada em 19/11/2024).

A entrevista com as famílias também indica a ausência de diálogo sobre o processo de desfralde das crianças. A título de exemplo, duas mães mencionam que, embora seus filhos não utilizem fraldas em casa, enviam fraldas para o CMEI. Ao serem questionadas se haviam compartilhado essa informação com as professoras, ambas afirmam que não.

Não, em casa ele [Anthony, 2a1m] fica sem fralda. Eu não comentei com a professora. Eu vou até dizer a ela depois. Eu não sei se é porque ele tem vergonha, porque quando ele vê muita gente... Aí eu tenho que pegar ele, tenho que levar ele para um canto, pra ele fazer xixi, porque ele tem vergonha, aí eu acho que é por isso, que ele tem vergonha. (Janailma, mãe de Anthony, entrevista realizada em 31/10/2024).

Ela usa só pra dormir [Vitória, 2a5m]. E **ela pede. Não! Eu falei até que eu ia dizer, eu ia até falar com a professora.** Só que eu terminei esquecendo, porque a minha bebê tomou 4 vacinas ontem. Aí eu deixei ela e fui embora. [...] Aí eu esqueci até de falar. (Aline, mãe de Vitória, entrevista realizada em 27/11/2024).

Os relatos acima mostram que, apesar de o desfralde ser parte do desenvolvimento das crianças, o diálogo sobre esse processo entre as profissionais do CMEI e as famílias é, por vezes, inexistente, a rigor, não está em pauta como um tema a ser compartilhado entre as profissionais da instituição e as famílias das crianças em idade de desfralde.

Notou-se, ainda, divergências nas expectativas de mães e professora em relação ao desfralde das crianças. Essa situação é ilustrada no episódio abaixo.

Em determinado momento vejo uma poça de líquido na sala e observo Davi [2a] correndo para o banheiro, lá estavam a professora e a auxiliar de sala. Indago as duas, se Davi estava molhado, em virtude da poça de líquido vista. **A professora Elaine então comenta que irá tirar uma foto para mostrar para a mãe** da criança que ele ainda não está preparado para ficar sem fraldas. Comenta ainda que ontem ela veio ao CMEI e disse que ele não usava fraldas em casa, que acaba deixando sem fraldas e ele tira a roupa e faz sozinho em alguns cantos específicos da casa, como na área [ambiente de entrada da casa]. A professora então envia áudio pelo aplicativo de mensagem de texto do *WhatsApp* para a mãe, comenta o ocorrido e pede para que no próximo dia a mãe mande fraldas, pois teve que usar a fralda de outra criança da sala. (Diário de campo, 12/7/2024).





Na entrevista, a mãe de Davi (2a) reiterou que o filho não usa fraldas em casa. No entanto, envia as fraldas para o CMEI por solicitação da instituição.

Ele não gosta de usar [fralda]. Eu coloco porque a creche pede. Mas ele mesmo já vai sozinho. Ele não gosta. Em casa ele fica sem. Sempre. Nunca coloco, nem pra dormir. Porque quando ele acorda, ele vai lá e faz. [...] **Conversei com ela** [a professora] **e disse que tem que mandar**. Porque ela disse que em casa ele fica normal, mas na creche ele faz na roupa. Não pede não! (Erica, mãe de Davi, entrevista realizada 01/11/2024).

Na entrevista, Vivi, mãe de Kauã (2a2m), também destacou divergências de expectativas com a professora sobre o desfralde do filho. Ela relatou ter sido procurada pela professora, que enviou uma foto da criança “mijada”, e destacou a necessidade do envio da fralda.

Comecei [a tirar as fraldas do filho]. Ele usa assim, para dormir. E ainda boto uma de garantia lá [na bolsa para ir ao CMEI]. Falei com a Elaine. A Elaine uma vez veio falar comigo no telefone, porque eu não tinha botado fralda. Aí, **ela até tirou uma foto, e ele lá todo mijado**. Disse: “**Mãe, tem que botar fralda**”. Aí, eu peguei e comentei com ela, eu disse: Não, não boto fralda, porque aqui mesmo, o xixi mesmo ele me pede. O xixi mesmo ele vai no banheiro e faz. Quando é o cocô, ele pede, porque ele gosta de tirar a roupa todinha. Ele tira até a blusa para fazer. Aí, eu disse: “-mas ele aqui faz direitinho. Ele pede para fazer”. Ela disse: “- a não ser que ele esteja com vergonha”. Aí, quando ele chega, hoje mesmo de manhã, disse: “-**não esqueça, peça a tia para fazer o xixi ou o cocô. Você tem que pedir a tia, não pode ficar com vergonha**”. Aí, eu boto uma de garantia. Aí, ela disse: “-Eu acho então que ele está com vergonha aqui”. Porque em casa é uma coisa, na escola é outra, né? Mas aí, também não reclamou mais. Também não falou mais [a professora]. Graças a Deus, eu boto uma de garantia, né? A roupinha dele, tudo direitinho. (Vivi, mãe de Kauã, entrevista realizada em 3/12/2024).

É importante destacar que nos casos das crianças Davi e Kauã, a professora registrou e enviou fotos às mães dessas crianças mostrando que eles haviam feito xixi na roupa. Essa atitude parece ter o objetivo de validar o ponto de vista da professora sobre o desfralde, reforçando a ideia de que a criança não estaria pronta para ficar sem fraldas. Mesmo que a criança peça para ir ao banheiro em casa, as fotos são usadas como uma “evidência” de que na unidade educativa o comportamento é diferente, justificando a continuidade do uso da fralda no CMEI.

Os casos apresentados evidenciam ainda uma resistência ou dificuldade em considerar que a casa e a instituição se constituem microssistemas distintos (Bronfenbrenner, 1996). Consequentemente, as rotinas, atividades, papéis e relações que as crianças se engajam em cada ambiente são diferentes. Por isso, não se deve ter a mesma expectativa de comportamento da criança na instituição educativa e na casa. A não





compreensão disso, faz com que o xixi na roupa seja visto como algo errado, quando, na verdade, também faz parte do processo do desfralde.

Esse processo ainda depende de uma aprendizagem que leva um certo tempo, sendo permeado por fracassos e sucessos da criança. A compreensão do adulto diante da falta de controle da criança em determinados momentos é, portanto, fundamental (Moreira; Vitória, 2009). Além disso, a falta de compreensão desse processo responsabiliza a criança a fazer “certo”, que é orientada a pedir à professora para fazer “xixi e cocô” e a “não sentir vergonha”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes situações e relatos apresentados mostram que o desfralde é um processo complexo que exige diálogo constante entre as profissionais do CMEI e as famílias das crianças. Importa sublinhar que esse processo faz parte do desenvolvimento da criança, sendo fundamental que esses diálogos sejam envolvidos pelo estabelecimento de estratégias conjuntas e continuidade das ações nos diferentes contextos que a criança participa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de novembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HADDAD, Lenira. A educação infantil entre velhas e novas premissas. *In*: Secretaria Municipal de educação (org.). **Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió**. Maceió, EDUFAL, 2015. 30-77 p.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; VITÓRIA, Telma. Controle de esfíncteres: creche e famílias juntas educam o controle do xixi e do cocô e a aquisição de hábitos de higiene. *In*: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *et al.* (Org.). **Os fazeres na educação infantil**. 11. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez. Creche Carochinha: SP, CINDEDI, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

